
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no desvelamento como clareira e o problema da Alétheia como verdade

*The quiet power of the possible: The Modal Notion of Possibility in Unveiling as Clearing
and the Problem of Alétheia as Truth*

Arthur de Oliveira Machado*

 <https://orcid.org/0000-0001-8490-5453>

Resumo: Em uma passagem de seu texto apresentado em 1964, *Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens*, Martin Heidegger revisita, já no contexto do pensamento do *Ereignis*, uma questão conceitual referente à tradução de *Alétheia* [ἀλήθεια] como Verdade. A passagem é conhecida pela literatura. Nela, o filósofo faz referência à fragilidade da tradução do termo e, em nota de rodapé, recorre a uma afirmação do §44 da obra de 1927, *Sein und Zeit*. No que se segue, examinaremos a referência de Heidegger a sua obra de juventude, assim como sua sugestão, que, articulada com o contexto teórico interno ao texto de 1964, qualifica a compreensão do termo e propõe um vínculo entre diferentes fases do seu pensamento. Esta interpretação implica a vinculação, através da noção de possibilidade, com questões já desenvolvidas no período de Ser e Tempo; elementos conceituais do pensamento de viragem [*Kehre*]; e, conforme veremos, em uma determinada continuidade, com discussões apontadas neste texto tardio do filósofo. Por fim, não é possível concluir a adequada tradução de *Alétheia* como verdade sem que se tenha claro, no horizonte da significação, o que permanece compreendido pelo conceito de desvelamento [*Unverborgenheit*] em sua íntima conexão com liberdade e, sobretudo, articulado pela categoria modal de possibilidade em sua qualificação fundamental.

Palavras-chave: Heidegger. Verdade. Possibilidade. Clareira.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: prof.filoarthur@gmail.com

***Abstract:** In a passage from his text presented in 1964, *Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens*, Martin Heidegger revisits, within the context of the thought of Ereignis, a conceptual issue regarding the translation of Alétheia [ἀλήθεια] as Truth. This passage is well-known in the literature. In it, the philosopher refers to the fragility of translating the term and, in a footnote, he draws on a statement from §44 of the 1927 work, *Sein und Zeit*. What follows is an examination of Heidegger's reference to his early work, as well as his suggestion, which, when articulated with the internal theoretical context of the 1964 text, refines the understanding of the term and proposes a connection between different phases of his thought. This interpretation implies a connection, through the notion of possibility, with issues already developed during the *Being and Time* period; conceptual elements from the thought of the turn [Kehre]; and, as we will see, a certain continuity with discussions raised in this late text by the philosopher. Finally, it is not possible to conclude the proper translation of Alétheia as truth without clearly understanding, within the horizon of meaning, what remains comprehended by the concept of unveiling [Unverborgenheit] in its intimate connection with freedom and, above all, articulated by the modal category of possibility in its fundamental qualification..*

Keywords: Heidegger. Truth. Possibility. Clearing.

Introdução

Serão abordados tematicamente o vínculo entre os conceitos de "verdade e possibilidade". Como fio condutor da discussão, exploraremos as menções que Heidegger, em seu texto de 1964, *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*¹, faz à tradução de Aletheia como "verdade", reconduzindo-nos a um trecho de *Ser e Tempo*². Para esclarecer esse primeiro elemento, contextualizaremos a afirmação de Heidegger situando-a no interior da discussão sobre a problemática da verdade ainda na obra de 1927, *Ser e Tempo*, nos §§ 43 e 44. Apresentaremos a construção do tema como a justificativa que sustenta a censura sugerida pelo filósofo.

Essa estrutura, enfatizada sob o fio condutor do tema da verdade, dá clareza para a passagem de um tema a outro. Assim, na discussão sobre o problema da categoria modal de

¹HEIDEGGER, M. "Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens". In: HEIDEGGER, Martin. *Zur Sache des Denkens*. Gesamtausgabe Band 14 (GA 14). 2007, pp. 67-91. Indicada aqui pela sua localização nas obras completas, no volume 14 — *Zur Sache des Denkens* —, como GA 14.

²HEIDEGGER, M. "Ser e Tempo". Heidegger Gesamtausgabe Band 2 (GA 2). 1977. Tradicionalmente referenciado pela abreviatura SZ (*Sein und Zeit*), também indicaremos a paginação referente às obras completas, isto é, GA 2.

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

possibilidade, destacaremos o vínculo entre a noção de "abertura", "desvelamento" e a acepção fundamental do termo "possível".

Alguns limites precisam ser assinalados desde o início. Não pretendemos esgotar o problema da possibilidade na fenomenologia hermenêutica, um tema já amplamente abordado e objeto de vasta literatura. O problema da verdade, igualmente bem explorado, será aqui reconstruído apenas em seus aspectos pertinentes à investigação proposta.

Discutiremos, por fim, o retraimento fenomenológico da possibilidade originária como posição final da *viragem [Kehre]*, sugerida pela designação de "inaparente".

- I. A definição da estrutura da verdade e suas derivações;
- II. A significação antropológica da relação ontológica do Ser-aí com a verdade;
- III. O tratamento adequado das censuras sugeridas por Heidegger³;
- IV. A noção de possibilidade na base conceitual de "verdade";
- V. Possibilidade e Clareira: experiência do inaparente ou rarefação do teor fenomenológico do possível?

1) A definição da estrutura da verdade e suas derivações

Uma das questões centrais do pensamento de Heidegger se encontra na investigação fenomenológica sobre a natureza ontológica do conceito de "Verdade". Pode-se afirmar que a centralidade do tema no pensamento heideggeriano é assegurada de duas formas: primeiro, pelo papel que, enquanto fenômeno, ela desempenha no interior da arquitetura conceitual da ontologia fundamental; segundo, em contiguidade com essa discussão, diz respeito à dimensão antropológica que Heidegger atribui à noção de verdade. Um terceiro aspecto geral da discussão que merece menção é a reação da literatura especializada, ora crítica, ora receptiva que fez com que se tornasse um dos mais célebres elementos da ontologia fundamental, deflacionando, porém, o vínculo com a noção de possibilidade que permanece no fundamento da temática. Mencionamos que é bastante conhecido da literatura

³ Cf. HEIDEGGER, M. SZ p. 219 e GA 14 p. 86

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

especializada as diversas teorizações acerca do problema da verdade e suas interpretações⁴. Entretanto, as reflexões elaboradas pelo próprio Heidegger, suas investigações etimológicas e considerações fenomenológicas da natureza ontológica deste fenômeno originário, ressaltam uma dimensão que ainda pode ser mais explorada, o vínculo entre a categoria modal de possibilidade e verdade, bem como suas modificações derivadas, fruto do amadurecimento do tema em seu pensamento. Ao tratar do problema da verdade, ainda que algumas obras assumam esse tema explicitamente⁵, a questão permanece como uma preocupação constante no pensamento de Heidegger, seja de maneira central ou de forma transversal. Por esse motivo é válido afirmar que Heidegger constrói uma rede interpretativa, integrando os diversos significados e desdobramentos do conceito de Verdade através de um aspecto originário. Seu *pluralismo alético*⁶ não simplesmente admite uma série de significados ao conceito de Verdade, mas os interliga fenomenologicamente de maneira coesa dentro da obra: apresentaremos os argumentos que justificam que é sobre os signos da categoria modal da possibilidade e seu primado no plano da existência que consiste tal articulação. Começaremos a exposição.

No que se refere ao primeiro ponto, em Ser e Tempo, o conceito de "verdade" é inicialmente apresentado no contexto de uma reconstrução da estrutura de derivação à qual o "conceito tradicional de verdade" ontologicamente remete. Na tradição, "verdade" é definida como a correspondência entre o conteúdo de uma sentença ou representação e o objeto real ao qual elas se referem, em plena adequação⁷. Atribui-se a Aristóteles tal definição. E de fato, sobre verdade enunciativa e algumas definições sobre a natureza do enunciado verdadeiro, podemos encontrar em Metafísica, IV 7 (1011 b 25): "Dizer que o que é, não é, ou que o não-ser, é, é falso; por outro lado, dizer que o que é, é, ou que o não-ser, não é, é verdadeiro"⁸. Entretanto, para Heidegger, no livro IV da Metafísica de Aristóteles,

⁴ Tugendhat (1970), Dahlstrom (2001), Martel (2008), Wrathall (2010). Dada a relevância da interpretação para este trabalho, fazemos referência ao texto de Reis (2000) sobre um aspecto do problema da 'Verdade'.

⁵ HEIDEGGER, M. *Da Essência do Fundamento e A essência da Verdade* (GA 9).

⁶ Noção apresentada por MARTEL, C. (*Heideggers Wahrheiten Wahrheit, Referenz und Personalität in Sein und Zeit*. Berlin: Ed. Walter de Gruyter. 2008) e adotada por REIS, R.R. (*Aspectos da Modalidade. A Noção de Possibilidade na Fenomenologia Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014, p.161).

⁷ HEIDEGGER, M. SZ, p. 214.

⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola Editora. 2002. p. 179.

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

não está definido o lugar originário da verdade, ao contrário do que a tradição erroneamente sugere.

A tese de que o "lugar" genuíno da verdade é o juízo não se baseia apenas equivocadamente em Aristóteles, mas também, em seu conteúdo, é um erro de compreensão da estrutura da verdade [*Wahrheitsstruktur*]. Não é o enunciado o "lugar" primário da verdade, mas, ao contrário, a proposição, enquanto modo de apropriação do estar descoberto [*Entdecktheit*] e como uma forma de ser-no-mundo, se fundamenta no descobrir mesmo [*Entdecken*], isto é, na abertura/descerramento [*Erschlossenheit*] do Dasein. A "verdade" mais originária é o "lugar" do enunciado e a condição ontológica de possibilidade para que enunciados possam vir a ser verdadeiros ou falsos (descobridores ou encobridores) [*entdeckend oder verdeckend*]⁹.

Assim, o filósofo parece atribuir à "verdade" uma condição estrutural mais complexa que, segundo seu significado originário, impede que seja entendida como o simples resultado de uma correspondência adequada entre entes de naturezas distintas, como é tomado pelo modelo moderno de sujeito-objeto¹⁰. O texto afirma claramente que, em vez do enunciado ser o lugar mais originário da verdade, esta, em seu sentido mais fundamental, é a possibilidade geral de asserção, ou seja, de formular juízos e predicar algo proposicionalmente. Portanto, é a proposição que ocupa um lugar na verdade, porque, em um nível mais fundamental, Heidegger entende por verdade a descoberta do ente. Em outras palavras, trata-se da identificação e determinação característica pela compreensão que toma um ente como um ente qualificado e individuado. Além disso, em um segundo plano, a verdade mais originária, em sua acepção fundamental, é a abertura significativa que possibilita que algo possa ser desvelado e individuado na estrutura de qualquer comportamento significativo. Para que algo qualificado seja em si mesmo tomado significativamente, é necessário que a condição de significatividade em geral esteja dada. Esses dois planos compõem a estrutura de significatividade dos fenômenos associados ao que chama de "verdade do ser do ente", a

⁹ HEIDEGGER, M. SZ, p. 226, tradução própria. No Original, segundo GA 2: *Die These, der genuine "Ort" der Wahrheit sei das Urteil, beruft sich nicht nur zu Unrecht auf Aristoteles, sie ist auch ihrem Gehalt nach eine Verkennung der Wahrheitsstruktur. Nicht die Aussage ist der primäre "Ort" der Wahrheit, sondern umgekehrt: Die Aussage als Aneignungsmodus der Entdecktheit und als Weise des In-der-Welt-seins gründet im Entdecken bzw. der Erschlossenheit des Daseins. Die ursprünglichste "Wahrheit" ist der "Ort" der Aussage und die ontologische Bedingung der Möglichkeit dafür, dass Aussagen wahr oder falsch (entdeckend oder verdeckend) sein können.*

¹⁰ *Ibidem*, pp. 218-219.

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

saber: (1) enquanto o "estar ao descoberto" do ente quando se fenomenaliza de forma qualificada, e (2) a própria condição de fenomenalidade e sua possibilidade essencial.

Para aprofundar essa caracterização e abordar algumas nuances teóricas, a "verdade", nessa primeira significação ontológica, na qual o sentido se aproxima da noção de fenomenalização, adquire um estatuto mereológico muito peculiar. Por fenomenalização, não se compreende a simples vivência, nem a mera dação do objeto intencional pela intencionalidade. Em linhas gerais, ela deve ser entendida segundo uma dinâmica de desocultamento em que uma rede de significados implícita nos contextos pode ser tomada pela compreensão a partir da qual o existente humano lança-se em características de habilidade¹¹ e assim abre possibilidades de comportamento para com os entes qualificados enquanto algo; inclusive consigo mesmo. Há outras determinações que se articulam com a noção hermenêutica de fenomenalização. A saber, a partir da projeção em possibilidades, isso também implica a formação do próprio horizonte de encontro com os entes significativos (contexto intencional¹²), estabelecendo um nivelamento normativo que configura a compreensão projetiva de comportamentos em relação aos entes como mais ou menos adequado. Essa é a estrutura interna do fenômeno em seu aparecer que Heidegger denomina com a verdade do ente (e é classificada posteriormente como verdade ôntica¹³). Por alto, é essa a dinâmica que, seja qual for a relação comportamental estabelecida com entes, tematizantes, teóricas ou práticas; é dado um ente em sua descoberta [*Das Sein in seiner Entdecktheit*], em seu ser: é revelado tal como é.

Assim, o filósofo parece argumentar a favor do que afirma ao abrir o início da problemática do Sexto capítulo de Ser e Tempo:

Desde a antiguidade, a problemática ontológica reuniu, e algumas vezes tomaram por idênticos, Ser e Verdade. Ainda que oculto em seus fundamentos originários, isto se documenta pelo vínculo necessário entre ser e compreensão. Para a preparação adequada da

¹¹ A tese de que possibilidades são abertas com os comportamentos para com entes e que estes são determinados a partir da projeção em habilidades é apresentada por BLATTNER e adotada por REIS.

¹² Empregado por MARTEL, C. (*Heideggers Wahrheiten Wahrheit, Referenz und Personalität in Sein und Zeit* pp. 7-8).

¹³Essa caracterização, em paralelo à "verdade ontológica", é atribuída ainda no período de Ser e Tempo, em uma preleção posterior mais que pertence àquele contexto teórico, embora já sinalize alguns desdobramentos autônomos. Essa exposição é encontrada no texto *A Essência da Verdade* (GA 9 p. 177-203).

questão do Ser, é, portanto, necessário o esclarecimento ontológico do fenômeno da Verdade¹⁴.

Se a fenomenalização possui um estatuto mereológico próprio à dinâmica de ocultamento e desocultamento, é importante questionar o que integra essa dinâmica: o que se revela e o que se dissimula. E, ao lembrarmos da advertência feita no §7, o filósofo alerta que, ainda que dissimulado "[...] o que está velado ante o que se mostra de início e na maioria das vezes, mas que, ao mesmo tempo, é algo que pertence essencialmente ao que se mostra de início e na maioria das vezes, e de um modo tal ao ponto de constituir seu sentido e fundamento."¹⁵ Se a verdade é a experiência da descoberta (do estar ao descoberto), cuja significação originária, embora provisória, se refere ao que é responsável pela determinação e individuação dos entes em seu aparecer significativo, e de acordo com as possibilidades estruturadas por esse aparecer, ela garante, portanto, que um ente seja tomado como fenômeno. Isso significa que, pela verdade, o ser do ente é retirado do ocultamento, tornando-se o fundamento daquele que se mostra imediatamente. Assim, o que inicialmente possibilita que um ente seja compreendido e desocultado em seu ser, adquire também uma dimensão ontológica geral. A verdade, agora integralmente reconhecida como desvelamento [*Unverborgenheit*], é a condição mais fundamental e, segundo Heidegger, está originariamente enraizada no que os gregos entendiam pela estrutura da *Alétheia*.

2) A significação antropológica da relação ontológica do Ser-aí com a verdade

Na reconstrução anterior, foi possível destacar analiticamente o primeiro sentido originário atribuído ao conceito de "verdade". Essa noção de "descoberta" [*Entdecktheit*] é um dos polos da verdade como desvelamento, ou seja, do que Heidegger associa ao conceito de alétheia [*ἀλήθεια*]. Como já indicado brevemente, a análise da descoberta do ente em seu

¹⁴ HEIDEGGER, M. SZ, p. 183, tradução nossa. No original, em alemão: *"In der ontologischen Problematik wurden von alters her Sein und Wahrheit zusammengebracht, wenn nicht gar identifiziert. Darin dokumentiert sich, wenngleich in den ursprünglichen Gründen vielleicht verborgen, der notwendige Zusammenhang von Sein und Verständnis. Für die zureichende Vorbereitung der Seinsfrage bedarf es daher der ontologischen Klärung des Phänomens der Wahrheit."*

¹⁵ *Ibidem*, p. 35, tradução própria. No original, em alemão: *"[...] was gegenüber dem, was sich zunächst und zumeist zeigt, verborgen ist, aber zugleich etwas ist, was wesenhaft zu dem, was sich zunächst und zumeist zeigt, gehört, so zwar, daß es seinen Sinn und Grund ausmacht."*

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

ser e sua relação originária com a verdade em sua acepção tradicional é bastante conhecida. Igualmente importante é o outro nível de análise conduzido por Heidegger, no qual a "verdade" possui uma dimensão ontológica fundamental. Orientado pelo encadeamento genético desses elementos conceituais, esse nível refere-se à possibilidade em geral de fenomenalização, ou a possibilidade essencial da fenomenalidade mesma. Nesta perspectiva, segundo Heidegger:

A verdade, entendida em seu sentido mais originário, pertence à constituição fundamental do Dasein. O termo significa um existencial. Com isso, já está indicada a resposta para a questão sobre o modo de ser da verdade e sobre o sentido da necessidade da pressuposição de que "existe verdade"¹⁶.

Nesta passagem, de forma implícita, Heidegger menciona uma série de pontos importantes para sua teoria da verdade. O primeiro se refere à conhecida tese de que o existente humano está essencialmente "na verdade", de tal modo que esta também compõe sua estrutura ontológica. Na sentença intermediária, o texto é claro em complementar sua afirmação anterior. Assim entendida, pressupõe-se que na ausência de entes que, de acordo com a intensionalidade do termo, preenchem as condições formais que definem o ente *qua* ser-aí¹⁷, a verdade não se manifesta. Ora, assim introduz-se a tese segundo a qual há um vínculo originário entre o fundamento da verdade e o ser-aí¹⁸. Esse vínculo originário diz respeito à própria noção de abertura para a significatividade, na qual o conceito de verdade, em seu nível mais fundamental, está comprometido. Nesse sentido, o conceito de verdade, em seu nível mais fundamental, está intrinsecamente ligado a essa abertura que compõe

¹⁶ *Ibidem*, p. 226, tradução nossa. Direto do GA 2, encontramos: "*Wahrheit, im ursprünglichsten Sinne verstanden, gehört zur Grundverfassung des Daseins. Der Titel bedeutet ein Existenzial. Damit ist aber schon die Antwort vorgezeichnet auf die Frage nach der Seinsart von Wahrheit und nach dem Sinne der Notwendigkeit der Voraussetzung, dass "es Wahrheit gibt"*".

¹⁷ A partir da fixação intensional do termo "ser-aí" (Dasein), podemos entendê-lo como o ente cujo próprio ser está já sempre em jogo. Extensionalmente, o termo se refere, no mais das vezes, ao ser humano. Em diferentes momentos, Heidegger utilizou qualificações como "ser-aí humano", "infante", entre outros. Do ponto de vista formal, o conceito de "ser-aí" designa o ente cujo modo de ser envolve determinação por modos e maneiras. De forma negativa, não se trata de um termo que indica um ente individuado por propriedades ou instâncias quiditativamente determinadas.

¹⁸ Em HEIDEGGER, M. SZ, p. 230, encontramos: "*Das Sein der Wahrheit steht in ursprünglichem Zusammenhang mit dem Dasein*". Pode ser traduzido: "O ser da verdade está em relação originária com o Dasein."

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

estruturalmente o existente humano. No contexto de Ser e Tempo, essa abertura representa a condição ontológica que nos permite estar abertos aos diferentes modos de ser. No estrato mais fundamental, portanto, a verdade é o desvelamento para os distintos modos de ser, qual seja, que possibilitam a descoberta qualificada de algo, inclusive o desvelamento do nosso próprio modo de ser, ou seja, da existência.

Após a análise, torna-se mais clara a estrutura de derivação e suas camadas. Essa abertura, enquanto desvelamento do ser, que por meio dos modos de ser estrutura o campo relacional das ações e comportamentos em relação aos entes — incluindo comportamentos teóricos e, eventualmente, enunciativos —, revela a relação genética da verdade originária como condição da verdade enunciativa. Assim, o desvelamento do ser, como abertura primordial, constitui o sentido fundamental da verdade, que permite a articulação subsequente da verdade enunciativa.

A análise daquela passagem, que inicialmente apenas sugeria desdobramentos posteriormente detalhados, conclui com uma referência ao debate sobre a crítica cética. Heidegger alerta que sua apropriação originária do conceito de verdade pode ser alvo de objeções que, conforme a concepção tradicional, exigem a pressuposição necessária de que a "verdade exista". No entanto, ele já indica que, nas duas primeiras sentenças, está presente uma resposta à potencial objeção do ceticismo. Assim, a direção da contra-argumentação à eventual crítica fica esboçada e já nos é familiar: como vimos, a verdade está essencialmente vinculada e identificada à abertura significativa. "Pressupor", neste contexto¹⁹, significa compreender algo como o fundamento do ser de um ente²⁰. Para que o ser de um ente descoberto seja compreendido, é necessário que a abertura esteja situada como condição fundamental. Portanto, somente a verdade, concebida como desvelamento do ser e como abertura geral para a significatividade, "[...] possibilita algo assim como a pressuposição"²¹.

¹⁹ Cf. HEIDEGGER, M. SZ, p. 228.

²⁰ Há outras determinações paralelas. Se a verdade é um caráter ontológico do ser-aí, e é ela que possibilita algo como a pressuposição ser dada, então o Dasein é, de certo modo, seu próprio pressuposto. Aqui, sem a necessidade de explicitar o fenômeno temporal de cuidado e transcendência, já se indica que o ser-aí é seu próprio fundamento, ou seja, ele se estrutura a partir de si mesmo, em projeções às possibilidades dinâmicas e existenciais que o individualizam.

²¹ HEIDEGGER, M. SZ, pp. 227-28, itálico do original, tradução nossa. No original (GA 2), ao fim da página 227: "*Wahrheit ermöglicht erst so etwas wie Voraussetzung*".

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

Mesmo sem analisar a noção de possibilidade presente aqui, é plenamente admissível — e fica evidente com a reconstrução da interpretação do fenômeno da verdade — o vínculo entre verdade e possibilidade.

Em síntese, foi reconstruído até aqui elementos gerais da interpretação que Heidegger busca defender, a qual se apresenta na forma de tarefas esquematizadas no excerto a seguir:

O resultado da interpretação ontológica-existencial do fenômeno da verdade revelou: 1. A verdade, no sentido mais originário, é a abertura [*Erschlossenheit*] do ser-aí, à qual pertence a descoberta do ente intramundano. 2. O Ser-aí está, de modo igualmente originário, tanto na verdade quanto na não-verdade. Essas proposições só podem ser plenamente compreendidas dentro do horizonte da interpretação tradicional do fenômeno da verdade quando se torna possível demonstrar: 1. A verdade, entendida como correspondência, tem sua origem na abertura [*Erschlossenheit*], e isso por meio de uma determinada modificação. 2. Que o próprio modo de ser da abertura faz que sua modificação derivada se apresente primeiramente, e que esta direcione a explicação teórica da estrutura da verdade²².

Nesta passagem, Heidegger ressalta, no último ponto do esquema, que é através de uma modificação específica [*einer bestimmten Modifizierung*] e, conforme a forma ou tipo de ser da abertura [*Die Seinsart der Erschlossenheit*], que esta modificação deriva da própria abertura. Ou seja, essa modificação derivada da estrutura da abertura é uma de suas determinações características e faz com que a verdade se manifeste em sua forma derivada: como descoberta e, mais superficialmente, na forma de verdade enunciativa. O filósofo, ao demonstrar que, mesmo em sua condição derivada, a verdade continua intrinsecamente ligada à sua condição original de abertura, revela também as determinações conceituais que, embora fossem tácitas para os gregos no uso da palavra *alétheia*, acabaram obscurecidas pelo termo "verdade" e pelas teorias vigentes.

3) O tratamento adequado das censuras sugeridas por Heidegger

²² *Ibidem*, p. 223, tradução nossa. No original (GA 2, p. 295): "Die existenzial-ontologische Interpretation des Phänomens der Wahrheit hat ergeben: 1. Wahrheit im ursprünglichsten Sinne ist die Erschlossenheit des Daseins, zu der die Entdecktheit des innerweltlichen Seienden gehört. 2. Das Dasein ist gleichursprünglich in der Wahrheit und Unwahrheit. Diese Sätze können innerhalb des Horizontes der traditionellen Interpretation des Wahrheitsphänomens erst dann voll einsichtig werden, wenn sich zeigen läßt: 1. Wahrheit, als Übereinstimmung verstanden, hat ihre Herkunft aus der Erschlossenheit und das auf dem Wege einer bestimmten Modifizierung. 2. Die Seinsart der Erschlossenheit selbst führt dazu, daß zunächst ihre abkünftige Modifikation in den Blick kommt und die theoretische Explikation der Wahrheitsstruktur leitet".

É precisamente esse espírito de advertência, contrário ao obscurecimento das relações anteriormente apresentadas e ao iminente risco de que o conceito não seja apreendido em seu sentido mais fundamental, que se mantém presente na advertência de Heidegger sobre a tradução de alétheia para "verdade". Desde esse contexto, ele adverte:

A tradução desse termo pela palavra "verdade" e, ainda mais, as determinações conceituais e teóricas dessa expressão encobrem o sentido da compreensão pré-filosófica daquilo que os gregos tinham como "autoexplicativo", na base do uso terminológico de ἀλήθεια.²³

A advertência de Ser e Tempo retornará mais tarde (no texto de 1964) quase ao modo de uma censura, uma insatisfação com a tradução e o inevitável obscurecimento de seu sentido próprio em detrimento do tratamento tradicional. "A questão da ἀλήθεια como desocultamento em si não é a questão da verdade. Por isso, não foi apropriado e, conseqüentemente, é enganoso chamar a ἀλήθεια, no sentido de clareira, de "verdade"²⁴. É nesse contexto que Heidegger, em 1964, em uma nota de rodapé, sugere ter percebido o risco apenas como um "vislumbre" [*Einblick*] no contexto de 1927. A vinculação entre as advertências, tanto do suposto "vislumbre" já presente em *Ser e Tempo* quanto no texto *O Fim da Filosofia*, pode ser encontrada pela objeção que justifica-se de maneira semelhante. O que o conceito de verdade, carregado pelas interpretações da tradição, deixa escapar não é somente a compreensão na base do conceito de uma abertura geral para a significatividade, mas o elemento pelo qual tanto o ser quanto o pensar em geral (ainda que estejam ambos ontologicamente vinculados) podem se dar: na fase madura de seu pensamento, esse elemento permanece sendo aquilo que Heidegger já havia denominado como "desvelamento" [*Unverborgenheit*]²⁵. E, para o filósofo, devido à sua preservação, a equivalência entre *Alétheia* — entendida como desvelamento no sentido da clareira da presença — e a

²³ *Ibidem*, p. 219, tradução nossa. Do Original (GA 2 p. 291/ SZ p. 219): "Die Übersetzung durch das Wort "Wahrheit" und erst recht die theoretischen Begriffsbestimmungen dieses Ausdrucks verdecken den Sinn dessen, was die Griechen als vorphilosophisches Verständnis dem terminologischen Gebrauch von ἀλήθεια "selbstverständlich" zugrunde legten".

²⁴ HEIDEGGER, M. GA 14, p. 86, tradução nossa. No original: "Die Frage der Aletheia nach der Unverborgenheit als solcher ist nicht die Frage nach der Wahrheit. Darum war es nicht sachgemäß und demzufolge irreführend, die Aletheia im Sinne der Lichtung Wahrheit zu nennen".

²⁵ Cf. *Ibidem*, p. 85.

problemática da verdade não se dá sem o risco iminente de um encobrimento da questão essencial.

No §44 de *Ser e Tempo*, Heidegger aponta que a tradição perdeu o sentido fundamental do termo *alétheia*, limitando-se à verdade enunciativa. Em 1964, ele retoma essa crítica, sem novas motivações, reafirmando que na tradição — e até mesmo em Homero²⁶ — a experiência da clareira foi entendida apenas na dimensão imediata de *orthótes* (correção). Mais que isso, com as variações de *verba dicendi* (noção de verdade enunciativa), no sentido de certeza e de confiança em uma sentença. Em suma, assim como já apontou em 1927, trata-se de um limite que considera a verdade apenas a sua forma secundária de "correção" [*Richtigkeit*], ou alinhamento, da representação com o enunciado [*als die richtigkeit des Vorstellens und Aussagens erfahren wurde*]²⁷.

Além disso, outras questões são introduzidas. Retomando o contexto de *Ser e Tempo*, o desvelamento era compreendido como uma abertura pela qual, em uma espécie de abandono, o ser se revelaria a partir do ente ou desvelaria o ente em seu modo de ser. Ou, em um vocabulário que não é de Heidegger, verdade em seu nível fundamental qualifica a abertura significativa que possibilita o comportamento intencional como tal, uma determinação característica própria aos entes que são ser-aí. Agora²⁸ — ao se colocar a pergunta "Abertura para quê?" [*Offenheit wofür?*] —, porém, essa noção se expande para além da abertura à significatividade: o filósofo a define como a abertura em que reside também a possibilidade ou, de modo mais profundo, identificando à própria possibilidade de aparecer [*das mögliche Scheinen*], ou ainda, a possibilidade da presença apresentar-se [*das mögliche Anwesen der Anwesenheit selber*].

Aqui, a preocupação de Heidegger²⁹ é que a problemática da verdade não pode se reduzir à exposição do ser do ente sem considerar, no que aparece [*Aussehen*] — o que mostra

²⁶ *Ibidem*, p. 87.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 84.

²⁹ Se analisarmos o trecho em questão (GA 14, p. 82-5), vemos a constante aproximação da noção de presença com o conceito de ser. Inclusive, Heidegger chega a admitir em uma sentença. Ele diz, A clareira irrompe como algo enquanto possibilidade de pertença mútua entre ser e pensar, ele conclui a sinonímia: de presença e apreensão. Em GA 14, p. 84: "*Möglichkeit des Zusammengehörens von Sein und Denken, d.h. Anwesenheit und Vernehmen, erst gibt.*"

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

o ente como tal — aquilo que o antecede. Esse aparecer, que Platão, segundo Heidegger, reconheceu como *eidōs* ou *idéa* — a forma que presentifica o ente, mas se retrai ao próprio ente que aparece —, a manifestação do ente em seu ser, é uma presentificação: um modo de presença [*eine Weise der Anwesenheit*]. Em outras palavras, o que Platão não reconheceu, assim como a tradição filosófica que seguiu seu caminho, é aquilo que torna possível a aparição (uma maneira derivada da presença) enquanto tal: a clareira enquanto possibilidade do aparecer [*mögliche Scheinen*]. O que possibilita o desvelamento, e com isso a presença apresentar-se na descoberta do ser dos entes, é a clareira. Daí que se justifica a frase de que a "[...] Evidência, certeza de qualquer grau, qualquer tipo de verificação da *veritas* já se movimentam junto a ela no domínio da clareira vigente"³⁰.

É admissível considerar como familiar o que pertence ao campo de justificação da advertência e, por fim, da recusa em relação à tradução. Trata-se da já conhecida estrutura de derivação do problema da verdade em seus modos menos fundamentais em relação à abertura geral, ou, como é o caso específico, à abertura para a presença apresentar-se; àquilo que "ainda" não é a verdade (se entendida como *adaequatio* e *certitudo*). O que é excepcional aqui é o diagnóstico de Heidegger sobre a manifestação da clareira como tal. A problemática agora apresentada receberá mais atenção no último tópico deste trabalho, onde indicaremos algumas conclusões e problemas mais complexos para o tratamento fenomenológico do problema da verdade enquanto *Alétheia*, desvelamento. Por enquanto continuaremos a situar a advertência de Heidegger junto às premissas que a sustentam.

O filósofo insiste que não é simplesmente por negligência que o pensamento humano esquiva a experiência de pensar o problema da clareira da presença. Ao se perguntar pela causa, ele afirma alguns limites retoricamente perguntando. Vejamos:

[...] o que faz com que, para a experiência natural e do dizer do homem, a *Alétheia*, o desvelamento, apareça apenas como correção e confiabilidade [*Richtigkeit und Verlässlichkeit*]? É porque a estadia eks-tática do homem na abertura do apresentar-se [*Offenheit des Anwesens*] está voltada apenas para o que se apresenta [*Anwesenden*] e para a apresentação subsistente [*vorhandenen Gegenwärtigung*] do que está presente? Mas o que significa isso, senão que a presença, como tal, e com ela, ainda mais, a clareira que a

³⁰ HEIDEGGER, M. GA 14, p. 86, tradução nossa. Do original: "[...] Evidenz, Gewissheit jeden Grades, jede Art von Verifikation der *veritas* bewegen sich schon mit dieser im Bereich der waltenden Lichtung"

possibilita, permanecem desconsideradas? É experimentado e pensado apenas o que a *alétheia* como clareira concede, não o que ela é como tal.³¹

O texto é claro em determinar alguma das razões que faz da clareira, isto é, a possibilidade em sua mais fundamental concepção, permanecer oculta: em primeiro lugar, diz respeito à natureza da pertença do existente humano na dimensão do aberto. Ou seja, configura-se como um traço antropológico com base nas determinações características temporais do ente que é *ex-sistência*; em segundo lugar, deve-se admitir que o "ocultamento" (em grego, refere-se ao radical *Léthe* [*λήθει*]) não é um acréscimo, mas sim o coração da *Alétheia* [*Herz der Alétheia*], conforme diz Heidegger. O velamento garante, para o que dá-se presente a possibilidade da própria presença aparecer. À necessária retração fenomênica, o filósofo atribui o caráter de proteção e conservação ao que se faz presente na clareira. O que se torna patente perguntar é sobre o acesso ao que não se mostra. Se, em *Ser e Tempo*, a investigação consistia precisamente em entender o conceito de ser como aquele que, na compreensão, se retrai diante da mostração do ente, agora a tarefa é apontar o acesso à clareira da presença ao pensamento — ainda que seja de sua natureza tal ocultar-se. Conforme já apontamos, o último tópico deve tratar desse tema.

4) A noção de possibilidade na base conceitual de "verdade"

O tema da possibilidade na fenomenologia hermenêutica já é bastante conhecido pela literatura especializada³². O que pretendemos apontar aqui, como um breve encaminhamento conclusivo às questões levantadas anteriormente, é o vínculo entre possibilidade e verdade. Especificamente, destacamos que, ao tematizar o problema da verdade, Heidegger

³¹ *Ibidem*, p. 87-8, tradução nossa. No original: "*Woran liegt es, daß für das natürliche Erfahren und Sagen des Menschen die Alétheia, die Unverborgenheit, nur als Richtigkeit und Verlässlichkeit erscheint? Liegt es daran, daß der ekstatische Aufenthalt des Menschen in der Offenheit des Anwesens nur dem Anwesenden und der vorhandenen Gegenwärtigung des Anwesenden zugekehrt ist? Was bedeutet aber dies anderes, als daß die Anwesenheit als solche und mit ihr erst recht die sie gewährende Lichtung unbeachtet bleiben? Erfahren und gedacht wird nur, was die Alétheia als Lichtung gewährt, nicht was sie als solche ist*".

³² Aqui é restrita a realização de uma história das interpretações de categorias modais na fenomenologia hermenêutica. Como referência principal, em língua portuguesa, ver REIS (2014). O artigo do mesmo autor (2015) *Possibilidade e Ação na ontologia Fundamental de Martin Heidegger* também tem importância para nossa interpretação. É significativa a obra de Claudia Serban (2016), *Phénoménologie de la Possibilité*. A se tratar de reconhecimento, Oskar Becker, em 1930, foi um dos primeiros a destacar a importância da noção de possibilidade existencial na ontologia fundamental de Heidegger.

fundamenta sua análise na noção de possibilidade, a qual se revela essencial para articular os dois períodos de sua obra.

A temática da verdade, conforme já mencionamos, é igualmente conhecida. Não pretendemos reconstruir outros aspectos além dos já apresentados anteriormente. De modo geral, é subentendido que a análise mais detalhada do problema da verdade deve tematizar uma conexão originária que envolve (1) o comportamento em relação ao ente que se revela no interior do mundo, permitindo que ele seja o que é. Esse comportamento está associado às (2) significações que emergem do poder-ser que orienta a ação; essas significações estão (3) situadas no contexto das referências em função do comportamento do ente. Embora não tenha ficado explícito, por uma auto-implicação, remete-se à (4) identidade existencial que é individualizada pelo agente em seu comportamento. Esse comportamento intencional diz respeito aos modos pelos quais um ente é apreendido, referindo-se, portanto, à característica essencial do ente que somos (não por propriedades, mas por modos possíveis, conforme veremos).

Ao tomar o descobrir como fenômeno, torna-se necessário evidenciar as relações formais, em uma estrutura de derivação, entre aquilo que se apresenta como descoberto, o ato de descobrir e a abertura. Isso implica demonstrar a dinâmica do ocultamento e do desocultamento, conforme já trabalhamos anteriormente. Em última análise, é preciso admitir que a descoberta depende de possibilidades que permanecem encobertas na verdade enquanto fenomenalização, mas não só. No nível mais fundamental, da verdade enquanto abertura, ela se caracteriza por possibilitar ao ser-aí os distintos modos de ser que individualizam os entes, inclusive ao próprio modo de ser do ente que nós mesmos somos.

Ora, neste sentido, tratando-se do modo de ser que nos é próprio, a existência, ela mesma contém padrões criteriais específicos de individuação e determinação característica. Entre as distinções que se pode fazer, de forma comparativa, à determinação característica dos entes qualificados quiditativamente, que são definidos por propriedades, no caso do ente que somos nós mesmos é a possibilidade: os modos e maneiras de ser possíveis.

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

Os caracteres que podem ser destacados neste ente [ser-aí] não são, portanto, "propriedades" de um ente subsistente que "parece" de tal ou qual maneira, **mas sim formas de ser possíveis**, e apenas isso. Todo o modo de ser desse ente é, em primeiro lugar, ser.³³

Por um lado, fica claro que se trata de uma ontologia que abriga uma pluralidade de determinações, apresentando modos de determinação ontologicamente distintos. Por outro lado, parece defender uma posição que não é substancialista, especialmente ao considerar o ente que somos nós mesmos não mais como um substrato de qualidades substanciais ou, como afirma o texto, determinados por propriedades. Ainda que elucidativo, o texto levanta uma série de problemas que não responde implicitamente. Heidegger é taxativo ao afirmar que não temos propriedades, nem podemos ser compreendidos a partir delas. No entanto, em vez de concluir que *possuímos* possibilidades, ele afirma que *somos* possibilidades. E, neste sentido, o filósofo afirma em uma longa e indispensável passagem que transcrevemos:

O Ser-aí não é algo subsistente e que, além disso, possui a capacidade de realizar algo; em vez disso, ele é primordialmente um ser-possível. O Ser-aí é sempre aquilo que pode ser e que existe em seu modo de possibilidade. Esse poder-ser essencial do Ser-aí diz respeito aos modos já caracterizados de se ocupar com o "mundo", de cuidar dos outros e, em tudo isso, do poder-ser em relação a si mesmo, por causa de si. A possibilidade que o ser-aí é, sempre existencialmente, se distingue tanto da possibilidade lógica vazia quanto da contingência de algo subsistente, em relação ao qual podem ocorrer coisas variadas. Como categoria modal da subsistência, a possibilidade significa algo que ainda não é real e que nunca é necessário, representando o caráter do meramente possível, ontologicamente inferior à realidade e à necessidade. Por outro lado, a possibilidade, entendida como existencial, é a determinação ontológica positiva mais originária e última do Ser-aí. O ser-aí [...] sempre já se encontra entregue a determinadas possibilidades; sendo o poder-ser que é, deixou passar algumas delas, constantemente renuncia a possibilidades de seu ser, as toma para si ou as deixa escapar. Em outras palavras, o ser-aí é um ser-possível entregue a si mesmo, e, de ponta a ponta, é possibilidade lançada.³⁴

³³ HEIDEGGER, M. SZ p. 42, tradução e grifos nossos. Em Ser e Tempo (p. 42), no original, GA 2, p. 56-7: "*Das "Wesen" des Daseins liegt in seiner Existenz. Die an diesem Seienden herausstellbaren Charaktere sind daher nicht vorhandene "Eigenschaften" eines so und so "aussehenden" vorhandenen Seienden, sondern je ihm mögliche Weisen zu sein und nur das. Alles Sosein dieses Seienden ist primär Sein*".

³⁴ *Ibidem*, p. 143-4, tradução nossa. No original (GA 2, 191), em SZ, p. 143-4: "*Dasein ist nicht ein Vorhandenes, das als Zugabe noch besitzt, etwas zu können, sondern es ist primär Möglichsein. Dasein ist je das, was es sein kann und wie es seine Möglichkeit ist. Das wesenhafte Möglichsein des Daseins betrifft die charakterisierten Weisen des Besorgens der "Welt", der Fürsorge für die anderen und in all dem und immer schon das Seinkönnen zu ihm selbst, um seinetwillen. Das Möglichsein, das je das Dasein existenzial ist, unterscheidet sich ebensowohl von der leeren, logischen Möglichkeit wie von der Kontingenz eines Vorhandenen, sofern mit diesem das und jenes "passieren" kann. Als modale Kategorie der Vorhandenheit bedeutet Möglichkeit das noch nicht Wirkliche und das nicht jemals Notwendige. Sie charakterisiert das nur*

No mundo como horizonte de compreensão, e somente por ele, o ente que nós mesmos somos tem sua determinação característica configurada: nosso próprio ser nos é dado como possibilidades que se desdobram nesse horizonte de significados. Daí que é melhor entendida a afirmação de Ser e Tempo segundo a qual os entes que são ser-aí não têm possibilidades, mas são. Mais que isso, afirmar que o ser-aí "pode seu ser", surge como um recurso em que Heidegger lança mão da terminologia artificial para situar o poder-ser como horizonte de individuação em modos, maneiras e comportamentos, conforme a determinação característica do Ser-aí. Diz o filósofo: "O poder ser é aquilo *em-função-de-que* o Dasein é cada vez como ele é factualmente."³⁵. O poder-ser, então, emerge como possibilidades existenciais instanciadas, não como propriedades, mas como predisposições para certos comportamentos que o existente humano assume projetivamente ou se percebe apto a realizar. O que estrutura essas capacidades de alcançar uma individuação pessoal e de encontrar uma definição em possibilidades é o recurso previamente mencionado "em-função-de" [*worum-willen*].

Uma rede de relações bastante relevante diz respeito à conexão entre liberdade, poder-ser e verdade. No entanto, não é apropriado aprofundarmos essa reconstrução neste espaço. É importante ressaltar, no contexto da nossa discussão, que em Ser e Tempo Heidegger define a liberdade [*Freiheit*] como um fator determinante do ser do poder-ser. A fim de menção, registramos:

No antecipar-se a si mesmo [*Sich-vorweg-sein*], enquanto está voltado para o mais próprio poder-ser, radica a condição ontológico-existencial da possibilidade de ser livre para possibilidades existenciais próprias. [...] o voltar-se para o poder-ser é determinado pela liberdade.³⁶

Mögliche. Sie ist ontologisch niedriger als Wirklichkeit und Notwendigkeit. Die Möglichkeit als Existenzial dagegen ist die ursprünglichste und letzte positive ontologische Bestimmtheit des Daseins. Das Dasein [...] je schon in bestimmte Möglichkeiten hineingeraten, als Seinkönnen, das es ist, hat es solche vorbeigehen lassen, es begibt sich ständig der Möglichkeiten seines Seins, ergreift sie und vergreift sich. Das besagt aber: das Dasein ist ihm selbst überantwortetes Möglichsein, durch und durch geworfene Möglichkeit".

³⁵ *Ibidem*, p. 193.

³⁶ *Ibidem*, p. 193, tradução nossa. No original (GA 2 p. 256), em SZ p. 193: "Im Sich-vorweg-sein als Sein zum eigensten Seinkönnen liegt die existenzial-ontologische Bedingung der Möglichkeit des Freiseins für eigentliche existenzielle Möglichkeiten. [...] dieses Sein zum Seinkönnen selbst durch die Freiheit bestimmt wird".

Liberdade, como a entendemos aqui, é a possibilidade de engajamento e vínculo com a significatividade que articula as disposições sustentadoras de comportamentos intencionais e suas consequências normativas de individuação. Não se trata de um esforço, tampouco de um ato arbitrário; mas de uma possibilidade interna e "silenciosa" de se vincular a projetos "em-função-de", permitindo que o ente seja o que é, que se fenomenalize conforme o contexto intencional. A própria condição da fenomenalização, portanto, é o vínculo significativo com projetos que possibilitam que o ente seja tomado enquanto tal. Assim, no aparecimento significativo de algo, também se evidencia uma estrutura de possibilidade que está presente e assegurando a estrutura da manifestação de algo como algo qualificado.

5) Possibilidade e Clareira: experiência do inaparente ou rarefação do teor fenomenológico do possível?

Ao examinar as considerações de Heidegger sobre a tradução de *alétheia* como "verdade", destacamos que sua insatisfação com essa tradução surge da percepção de que, ao ser substituída por "verdade", o fenômeno do desvelamento passa a ser compreendido por meio de formas derivadas — como *adaequatio*, *certitudo*, certeza absoluta ou evidência — todas subordinadas ao aspecto do que se presenta. Esse enfoque, contudo, compromete a capacidade de se pensar tanto a própria presença (o ser do ente) quanto a possibilidade mesma do aparecer que presentifica, ou seja, a clareira da presença enquanto possibilidade em si mesma.

Para encaminhar algumas conclusões, precisamos retomar uma tese discutida apenas brevemente anteriormente. Heidegger afirma explicitamente que o desvelamento é "[...] por assim dizer, o elemento no qual ser e pensamento se constituem em sua interrelação"³⁷. Em outro texto que marca um ponto significativo para o pensamento da virada, o filósofo também articula a questão do ser e do pensar. Na *Carta sobre o Humanismo*, ele se refere à "força tranquila do possível" como aquilo que configura a própria relação do ser com o pensar, ou, melhor dizendo, do ser e seu poder sobre o pensar. É o desvelamento como clareira que estabelece o âmbito em que o ser se encarrega primariamente de poder pensar, e, com isso,

³⁷ HEIDEGGER, M. GA 14, p. 84, [*Zusammengehörens von Sein und Denken*].

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

de se dar como uma possibilidade fundamental. Em *Ser e Tempo*, o possível aparece como uma determinação positiva — a última — do ser-aí; no entanto, agora a possibilidade é abordada não apenas como um elemento constitutivo da facticidade, mas como algo que se refere ao próprio ser. Contudo, Heidegger é claro — e é fundamental observar — que esse "possível" é um traço da relação entre o ser-aí humano e o ser. Nesse sentido, podemos ver³⁸:

Nossas palavras "possível" e "possibilidade" são, é claro, concebidas sob a dominação da "lógica" e da "metafísica" apenas em oposição à "efetividade"; isto é, a partir de uma interpretação específica — da metafísica — do ser como *actus e potentia*, uma distinção que se identifica com a de *existentia e essentia*. Quando falo da "força silenciosa do possível", não me refiro ao *possibile* de uma *possibilitas* apenas imaginada, nem à *potentia* como *essentia* de um *actus* da *existentia*, mas ao próprio ser, que possibilita o pensamento e, assim, a essência do ser humano, ou seja, sua relação com o ser.³⁹

A tematização heideggeriana do possível nas décadas de quarenta e sessenta revela duas confrontações que se entrelaçam. Por um lado, a intenção de romper com o transcendentalismo que residual de *Ser e Tempo*, por outro, o ímpeto antimetafísico da destruição das modalidades que, contudo, ainda sustenta a permanência da discussão em torno da questão da possibilidade em um registro existencial. Em primeiro lugar, conforme observamos, a questão do primado da possibilidade está continuamente implicada na crítica ao paradigma metafísico do primado aristotélico do efetivo sobre o possível. A inadequação das modalidades para pensar o ser decorre do fato de que, apesar de sua determinada triplicidade ek-stática, elas permanecem como modalidades do ente efetivo, ou seja, variações de uma única e mesma concepção do ser como presença. Heidegger acrescenta⁴⁰ ainda que a própria presença, enquanto modo de ser, não consegue alcançar um destaque

³⁸ Para além de determinar a relação entre ser e pensar, Heidegger novamente argumenta que se trata de uma noção modificada de possibilidade e não segundo a tradicional doutrina das categorias modais da subsistência.

³⁹ HEIDEGGER, M. GA 9. p. 316-17, tradução nossa. Na Carta Sobre o Humanismo, em alemão, encontramos: "*Unsere Wörter "möglich" und "Möglichkeit" werden freilich unter der Herrschaft der "Logik" und "Metaphysik" nur gedacht im Unterschied zu "Wirklichkeit", das heißt aus einer bestimmten — der metaphysischen — Interpretation des Seins als actus und potentia, welche Unterscheidung mit der von existentia und essentia identifiziert wird. Wenn ich von der "stillen Kraft des Möglichen" spreche, meine ich nicht das possibile einer nur vorgestellten possibilitas, nicht die potentia als essentia eines actus der existentia, sondern das Sein selbst, das mögend über das Denken und so über das Wesen des Menschen und das heißt über dessen Bezug zum Sein vermag*".

⁴⁰ Cf. HEIDEGGER, M. GA 14, p. 87-8.

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

próprio na investigação sobre a verdade. Consequentemente, a verdade também não é pensada senão como manifestação que se dá nas formas derivadas de presença. Assim, acaba por confiná-lo à história do ser. Mais precisamente, se, conforme mostramos anteriormente, a clareira refere-se à possibilidade mesma do possível, seu caráter parcialmente inapreensível, trata-se de verificar como essa dimensão de "possível" é experimentada ou, ao fim e ao cabo, se ela o é. Em outras palavras, se permanece ou não sendo uma filosofia da experiência significativa humana.

Quando analisamos o texto de 1964, onde Heidegger retoma a questão da *alétheia* e seu imprescindível elemento de ocultamento, emerge a indagação de até que ponto seu pensamento ainda se configura como uma fenomenologia da possibilidade⁴¹. Mais precisamente, resta saber se esse projeto continua permitindo uma atualização do "possível" em termos da nossa própria experiência, ou se, como alguns críticos sugerem⁴², acaba restringindo-o à história do ser, transformando-o de fato em uma espécie de *fenomenologia negativa*, como defende Serban⁴³. Dado que, como discutido, a clareira aponta para a própria possibilidade do possível e traz consigo um aspecto parcialmente inapreensível, torna-se necessário investigar como (ou se) essa dimensão do "possível" ainda pode ser experienciada. Em última análise, trata-se de avaliar se o pensamento heideggeriano mantém-se como uma filosofia centrada na experiência significativa humana.

Esse problema nos remete a uma questão fundamental do pensamento heideggeriano, marcado pela desconstrução. Heidegger considera que a acusação de "indemonstrabilidade" representa uma fragilidade metateórica, o que o leva a revisitar Aristóteles para questionar a própria necessidade e exigência de provas. No Livro IV da *Metafísica*, Aristóteles, segundo

⁴¹ Claudia Serban (SERBAN, C. *Phénoménologie de la Possibilité: Husserl et Heidegger*. Paris: Presses Universitaires de France. 2016. p. 207-23) argumenta justamente nesse sentido. Embora sua revisão de literatura seja extensa e rigorosa, ela aponta uma "rarefação" da possibilidade, ou seja, um retraimento do possível enquanto elemento da facticidade, agora reposicionado na escatologia do *Ereignis*, o acontecimento apropriativo. Sua tese é precisamente essa: o pensamento heideggeriano da possibilidade a partir das décadas de 1930 e 1940 se caracteriza pela rarefação do conteúdo experiencial e fenomenal do possível, ao ponto de torná-lo inativo, sem condições de se fenomenalizar na experiência.

⁴² Jean-Luc Marion sustenta igualmente que o pensamento do *Ereignis* promove um deslocamento do possível doado ao possível historial (Cf. *De l'"histoire de l'être" à la donation du possible*, *Revue Le débat*, vol. 72, 1992, pp. 179--189).

⁴³ Cf. SERBAN, C. *Phénoménologie de la Possibilité: Husserl et Heidegger*, p. 223.

Heidegger, dá um indício a esse respeito. Ao mencionar a "falta de disciplina", Heidegger critica aqueles que exigem uma prova tanto para o que é necessário procurar provas como para o que não é necessário⁴⁴. Com uma conclusão aporética, ele sugere que esse "possível" é, de fato, experimentado; contudo, o seu "acesso" não necessita de provas. Ele afirma: "[...] aqui, a decisão só pode vir da natureza própria daquilo que, antes de qualquer outra coisa, exige que lhe concedamos livre acesso"⁴⁵. Acessá-lo significa deixá-lo livre. Em vez de alcançar um ponto extremo de um "possível" inacessível, a resposta nos coloca na dimensão de uma circularidade: um desvelamento perfeitamente esférico, o *'Αληθείης εύκυκλέος* de Parmênides. Esse âmbito do possível, enquanto condição geral de possibilidade, é experimentado e acessado na medida em que possibilita. E, na entrega do pensamento à determinação de sua questão, liberta-se a essência do desvelamento: o possível possibilitante como tal.

Considerações finais

Das considerações preliminares, é relevante destacar como conclusão os principais resultados da reconstrução apresentada nas subseções correspondentes. Primeiramente, reconstruímos a relação e articulação dos modos pelos quais a verdade se fenomenaliza. Ou seja, apresentamos o tipo de articulação e a composição mereológica do fenômeno alético, bem como sua estrutura de derivação. Também apontamos para a dinâmica de desocultamento, na qual uma rede de significados implícita nos contextos pode ser apropriada pela compreensão a partir da qual o ser humano se projeta em características de habilidade, abrindo possibilidades de comportamento em relação aos entes qualificados enquanto algo — inclusive o próprio ente humano em relação a si mesmo. Finalmente, foi possível compreender a noção mais fundamental de verdade como desvelamento, como aquilo que inicialmente possibilita que um ente seja compreendido e desocultado em seu ser, enraizado

⁴⁴ Cf. HEIDEGGER, M. GA 14, p. 89.

⁴⁵ *Ibidem*. Do original situamos uma frase anterior da que transcrevemos, para permitir melhor contextualização de nossa tradução: "*Ist es die dialektische Vermittlung oder die originär gebende Intuition oder keines von beiden? Darüber kann nur die Eigenheit dessen entscheiden, was vor allem anderen von uns verlangt, zugelassen zu werden*".

A força tranquila do possível: a noção modal de possibilidade no Desvelamento como Clareira e o problema da Alétheia como Verdade

originalmente no que os gregos entendiam pela estrutura da *alétheia*. Em suma, essas conclusões iluminam o vínculo entre fenomenalização e a categoria de possibilidade em um nível existencial. Em segundo lugar, dando continuidade à reconstrução anterior, outra conclusão pertinente a ser ressaltada diz respeito à dependência do existente humano enquanto ser-aí em relação ao fenômeno da verdade. Quando há comportamento significativo, deve existir uma abertura que possibilite a manifestação dos diversos modos de ser e que, portanto, entes sejam individuados. Assim, na presença de comportamentos intencionais e significativos em relação a algo, há "verdade". No terceiro tópico, abordamos a contextualização das objeções, advertências e censuras feitas por Heidegger à equivalência da problemática da verdade à problemática do desvelamento. O ponto criticado, conforme apresentamos, diz respeito à fixação do fenômeno em suas formas derivadas, seja como *adaequatio* ou *certitudo*, além de ignorar as condições de possibilidade da presença que o desvelamento possibilita. O filósofo argumenta que a inadequação da tradução é justificada pela experiência natural em que o existente humano se volta apenas para a "presentificação do que se apresenta".

O quarto ponto abordado abriu um desvio na discussão até então apresentada. Foi necessário para ressaltar alguns aspectos modais do fenômeno da verdade. Concluímos que, de modo geral, a verdade se vê comprometida duplamente com a categoria modal da possibilidade em sua acepção existencial. Em resumo, por um lado, vinculada à compreensão como um "eu posso", diz respeito às possibilidades abertas por meio das características de habilidades. Entretanto, o outro aspecto, mais fundamental, refere-se à possibilidade de abertura para os modos de ser e para *poder ser* si mesmo. Por fim, juntamente com a reafirmação heideggeriana da primazia do possível sobre o efetivo no campo da existência, chegamos ao último item tratado. Abordamos o problema do ocultamento e as negligências na história da ontologia, verificando a permanência do pensamento heideggeriano em torno do problema da possibilidade e sua vinculação com a verdade no sentido de desvelamento, ou clareira, resultando em uma possibilidade radical já sempre experimentada — contrariando, assim, a tese de uma rarefação do conteúdo fenomenológico do possível — que se manifesta à medida em que algo se apresenta: a força tranquila do possível.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola Editora. 2002.
- DAHLSTROM, D. O. *Heidegger's concept of truth*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.
- HEIDEGGER, M. *Brief über den Humanismus*. In Gesamtausgabe Band 9 (GA 9): Wegmarken, 1976, pp. 313-365.
- _____. *Das Ende der Philosophie und die Aufgabe des Denkens*. Gesamtausgabe Band 14 (GA 14): Zur Sache des Denkens. 2007, pp. 67-91.
- _____. *Sein und Zeit*. Gesamtausgabe Band 2 (GA 2). 1977.
- MARION, JL. *De l'histoire de l'être à la donation du possible*, *Revue Le débat*, vol. 72, 1992, pp. 179--189.
- MARTEL, C. *Heideggers Wahrheiten Wahrheit, Referenz und Personalität in Sein und Zeit*. Berlin: Ed. Walter de Gruyter. 2008.
- REIS, R.R. *Aspectos da Modalidade. A Noção de Possibilidade na Fenomenologia Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.
- _____. "Sentido e Verdade: Heidegger e a 'Noite Absoluta'". *Veritas: Fenomenologia e Hermenêutica*. Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 231-248, junho de 2000.
- _____. *Seis estudos sobre "Ser e Tempo"*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- _____. "Possibilidade e Ação na Ontologia Fundamental de Martin Heidegger". *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 71, Fasc. 2/3, *Metafísica: Perspectivas Históricas e seus Actores*, 2015, pp. 475-494. .
- SERBAN, C. *Phénoménologie de la Possibilité: Husserl et Heidegger*. Paris: Presses Universitaires de France. 2016.
- TUGENDHAT, E. *Der Wahrheitsbegriff bei Husserl und Heidegger*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. 1970.
- WRATHALL, M. A. *Heidegger and Unconcealment: Truth, Language and History*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

Recebido em: 10 de 2024
Aprovado em: 02 de 2025